



A LENDA DO
**CAVALEIRO
SEM CABEÇA**

WASHINGTON
IRVING

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME DE TIM BURTON

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA

**WASHINGTON IRVING
(1783 – 1859)**

Título original em inglês:
THE LEGEND OF SLEEPY HOLLOW (1820)

Capa, Tradução e Revisão
Alex Zuchi

ENCONTRADO ENTRE OS PAPÉIS DO FALECIDO
DIEDRICH KNICKERBOCKER.

*Uma terra agradável de cabeça sonolenta era essa,
De sonhos que ondulavam diante do olho meio fechado,
E de castelos alegres nas nuvens que passam,
Eternamente fluindo ao redor de um céu de verão.*

CASTELO DE INDOLÊNCIA.

No coração de uma dessas grandes enseadas que margeiam a costa oriental do Hudson, naquela larga expansão do rio denominada pelos antigos navegadores holandeses como Tappan Zee, e onde eles sempre prudentemente baixavam as velas e imploravam a proteção de São Nicolau, fica uma pequena cidade mercantil ou porto rural em que as feiras são realizadas frequentemente. Alguns a chamam de Greensburgh, mas que é mais comum e propriamente conhecida pelo nome de Tarry Town. Este nome foi dado, dizem-nos, nos dias antigos, pelas boas mulheres das regiões adjacentes, pela inveterada propensão de seus maridos para se demorarem na taverna da aldeia nos dias de feira. Seja como for, não atesto o fato, mas apenas me limito a fazê-lo parecer preciso e autêntico. Não longe desta aldeia, cerca de três ou quatro quilômetros, há um pequeno vale ou depressão de terra entre as altas colinas, que é um dos lugares mais tranquilos do mundo. Um pequeno riacho corre através do vale, e o murmúrio suave da água é o bastante para embalar o sono de uma pessoa que decida relaxar em sua margem; esse som suave, juntamente com o ocasional assobio de um pássaro ou a bicada de um pica-pau são os únicos sons que invadem a tranquilidade daquele lugar.

Lembro-me de quando ainda era jovem, minha primeira aventura durante a caça à esquilos, que ocorreu em um bosque de nogueiras altas que envolviam um dos lados do vale. Eu havia entrado nesse bosque ao meio-dia, quando toda a natureza estava peculiarmente silenciosa, e fiquei surpreso com o estampido de minha própria arma, que quebrou a quietude do sábado com seu prolongado e reverberado eco irado. Se eu quisesse encontrar um retiro para onde eu pudesse fugir do mundo e suas distrações, e pudesse sonhar tranquilamente longe de uma vida conturbada, não conheço outro lugar que seja mais promissor do que este pequeno vale.

Devido à tranquilidade do lugar e ao caráter peculiar de seus habitantes, todos descendentes da colonização holandesa, este vale ficou conhecido pelo nome de Sleepy Hollow (Vale Adormecido), e seus rapazes são chamados de Garotos de Sleepy Hollow nas cidades vizinhas. Uma influência sonolenta e sonhadora parece pairar sobre a terra e permear a própria atmosfera. Alguns dizem que o lugar foi enfeitiçado por um médico alemão, durante a colonização; outros afirmam que um antigo chefe indígena, profeta ou bruxo de sua tribo, mantinha suas cerimônias religiosas ali antes que as terras fossem descobertas por Hendrick Hudson.

O fato é que o lugar ainda permanece sob o domínio de algum poder mágico, que igualmente domina as mentes das pessoas da região, levando-as a andar em um contínuo devaneio. Elas acreditam em todos os tipos de crenças maravilhosas, estão sujeitas a transe e frequentemente têm visões estranhas, e ouvem melodias e vozes transportadas no ar. Toda a região é repleta de lendas locais, lugares encantados e superstições são abundantes; as estrelas cadentes e os meteoros ofuscam o vale mais do que em qualquer outra parte do país, e os monstros parecem ter escolhido o vale como ponto de encontro para suas reuniões.

O espírito dominante, no entanto, que assombra essa região encantada e parece ser o comandante de todos os mistérios é a aparição de uma figura a cavalo, sem cabeça. Dizem que é o espírito de um soldado hessiano, cuja cabeça foi arrancada por uma bala de

canhão, em alguma batalha sem nome durante a Guerra Revolucionária. Os camponeses afirmam que ele é sempre visto vagando nas ruas, na escuridão da noite, como se viajasse nas asas do vento. Seus voos não se limitam ao vale, e às vezes se estendem para as estradas adjacentes, especialmente, perto de uma igreja próxima.

De fato, alguns dos historiadores mais respeitados dessas regiões, que têm se dedicado a coletar e comparar as informações relativas a esse espectro, alegam que o corpo do soldado foi enterrado no cemitério da igreja, o fantasma cavalga para a cena da batalha em uma busca noturna por sua cabeça. Além disso, a velocidade alucinante com que ele às vezes passa durante a noite ao longo do Hollow, deve-se ao fato de estar com pressa para voltar à tumba da igreja antes do amanhecer.

Tal é o significado desta lendária superstição, que se originaram muitas histórias selvagens naquela região das sombras; e o espectro passou a ser conhecido por toda a parte pelo nome de o Cavaleiro Sem Cabeça de Sleepy Hollow.

É notável que essa propensão para visões que mencionei não se limita aos habitantes nativos do vale, mas é inconscientemente absorvida por todos que ali residem por algum tempo. Por mais que estejam acordados antes de entrarem naquela região sonolenta, têm certeza, em pouco tempo, de inalar a influência mágica do ar e começam a desenvolver a imaginação, a sonhar e a ver aparições.

Menciono este lugar tranquilo com todo o apreço possível, pois é incrível que nos vales colonizados pelos holandeses, e dispersos por todo o grande Estado de Nova York, são rigidamente mantidos os costumes e os hábitos da população, enquanto a participação atual da emigração com mudanças incessantes em outras partes deste inquieto país varre todas aquelas coisas antigas, sem que ninguém se preocupe com elas. Estes vales são como aqueles pequenos recantos de água parada, que margeiam um córrego, mas não são perturbados pela agitação de sua corrente.

Embora tenham transcorrido muitos anos desde que andei pelas sombras entorpecidas de Sleepy Hollow, ainda me pergunto se ainda não encontraria as mesmas árvores e as mesmas famílias vegetando naquele lugar protegido.

Num local isolado viveu, em um período remoto da história americana, um indivíduo notável de nome Ichabod Crane, que peregrinou, ou, como ele expressava, "se demorou" em Sleepy Hollow com o propósito de instruir as crianças do distrito. Ele era natural de Connecticut, um estado que fornecia à União tanto os pioneiros da mente quanto os da floresta, enviando anualmente legiões de madeireiros e professores de escolas rurais.

Ichabod Crane era alto, mas extremamente magro, com ombros estreitos, braços e pernas compridos, mãos que pareciam estar a uns dois quilômetros das mangas de sua camisa, pés que poderiam ter servido como pás. Sua cabeça era pequena e achatada no topo, com orelhas enormes, grandes e vidrados olhos verdes e um nariz comprido, de modo que parecia um galo-do-tempo fixado sobre uma casa para indicar em que direção o vento soprava. Quem olhava para ele tinha a impressão de ver algum espantalho fugido de um milharal.

Sua escola era um prédio baixo, de uma única sala grande, construída rudemente de troncos; algumas janelas estavam parcialmente envidraçadas enquanto outras eram remendadas com folhas de velhos cadernos. Nas horas em que o professor não estava na escola, a porta era mantida fechada por uma haste de madeira flexível, fixada ao cabo da porta e às barras que fechavam as venezianas; de modo que, embora um ladrão pudesse entrar com certa facilidade, ele encontraria alguma dificuldade para sair - uma ideia muito provavelmente emprestada pelo arquiteto Yost Van Houten.

A escola ficava em uma localização bastante solitária, mas agradável, no sopé de uma colina arborizada, com um riacho correndo perto, e um grande álamo crescendo ao lado. O murmúrio das vozes de estudantes recitando suas lições, parecia, em um dia de verão sonolento, algo como o zumbido de uma colmeia,

interrompido, de vez em quando, pela voz autoritária de Crane, num tom de ameaça ou comando, ou, talvez, pelo som aterrador de uma vara de bétula, enquanto ele instigava algum retardatário ao longo do caminho florido do conhecimento. Para dizer a verdade, ele era um homem consciente e sempre tinha em mente a máxima de ouro: "Criança mimada, criança estragada". Os alunos de Ichabod Crane certamente não eram estragados.

Eu não quero que o leitor imagine, no entanto, que Crane era um daqueles líderes cruéis da escola que sentem prazer na tortura de seus alunos; pelo contrário, ele administrava a justiça com discrição e não com severidade; evitando sobrecarregar os ombros dos fracos e colocando-o sobre os fortes. Ele perdoava os garotos preguiçosos que tremiam ao menor movimento da vara; mas as exigências da justiça eram satisfeitas, infligindo uma punição dupla a algum rapaz holandês teimoso, mal-humorado e falante, que ficaria indignado e endurecido sob a punição, mas que aprenderia. Crane disse que isso era *"cumprir seu dever com os pais"*; ele nunca infligiu penalidade sem assegurar que a criança *"se lembraria dele por toda a vida e lhe agradecerá enquanto ele viver"*, o que era um grande consolo para seus discípulos.

Quando o horário das aulas acabava, ele era até mesmo um companheiro para as brincadeiras dos meninos maiores; e nas tardes de feriados ia na casa de alguns dos menores, que por acaso tinham irmãs lindas, ou porque suas mães eram muito conhecidas pela excelência de sua culinária. De fato, convinha que ele mantivesse bons termos com seus alunos. A receita proveniente de sua escola era pequena, e mal seria o suficiente para fornecê-lo com o pão de cada dia, pois, embora magro, ele tinha a capacidade de se expandir como uma jiboia. Para ajudá-lo a se manter e como era costume na região, o professor passava uma semana na casa de cada aluno que frequentava as aulas. Ele carregava suas roupas em uma trouxa de algodão.

Para que tudo isso não fosse tão oneroso para os fazendeiros, já que eles consideravam os custos da educação como um fardo pesado e supérfluo, Crane mantinha-se, de várias maneiras, útil e

agradável. Ele ajudava os fazendeiros ocasionalmente nos trabalhos mais leves de suas fazendas, ajudava com o feno, consertava as cercas, levava água para os cavalos, expulsava as vacas do pasto e cortava lenha para o fogo do inverno. Ele fazia graça aos olhos das mães por brincar com as crianças, particularmente as mais novas; ele se sentava com uma criança em um joelho e balançava um berço com o pé por horas inteiras.

Além de suas outras atividades, Ichabod Crane era o mestre de canto do distrito, e recebia muitos xelins brilhantes instruindo os jovens a cantar os salmos. Não era motivo de orgulho para ele ficar de pé aos domingos em frente ao coro da igreja, acompanhado por um grupo de cantores escolhidos. É verdade que sua voz se elevava muito acima de todo o resto da congregação; em alguns trechos particulares podia até mesmo ser ouvida a um quilômetro de distância.

Através desses vários procedimentos, pelo engenhoso modo que o vulgar chama "pelo bem ou pelo mal", esse notável pedagogo vivia muito bem; todos aqueles que não entendem nada de trabalho intelectual acreditavam que sua vida era maravilhosamente fácil.

O professor é geralmente um homem de alguma importância no círculo feminino de uma região rural; sendo considerado um tipo de cavalheiro que não tem nada para fazer e cujos gostos e conhecimentos são imensamente superiores aos sujos e rudes homens do campo e, para elas, a sabedoria de Crane só era inferior à do padre. Sua presença, portanto, pode provocar um pouco de agitação na mesa de chá de uma casa de fazenda, e a adição de um número excessivo de bolos ou doces, ou, por ventura, o desfile de um bule de prata. Nosso homem de letras, portanto, estava particularmente feliz nos sorrisos de todas as donzelas do campo. Como ele transitava entre elas no cemitério da igreja, entre os cultos aos domingos; juntando uvas para elas das vinhas selvagens que invadiam as árvores ao redor; recitando para sua diversão todos os epitáfios nas lápides; ou passeando, ao lado delas, nas proximidades dos moinhos; enquanto os camponeses mais tímidos se mantinham para trás, invejando sua elegância e conversa superiores.

Além de sua vida quase itinerante, ele era uma espécie de jornal ambulante, carregando todo o tipo de murmúrios locais de casa em casa, de modo que sua presença era sempre recebida com satisfação. Ele era, além do mais, estimado pelas mulheres como um homem de grande erudição, pois havia lido muitos livros, um em especial chamado "*História da Bruxaria da Nova Inglaterra*" de Cotton Mather, do qual, a propósito, ele firme e poderosamente acreditava.

Ele era, de fato, uma estranha mistura de pequena astúcia e simples credulidade. Seu apetite pelo fantástico e pelo mágico foram aumentados depois que se mudou para aquela região mística. Nenhum conto era muito estranho ou monstruoso para sua capacidade em devorá-lo. Era seu prazer, em quase todas as noites, depois de sua turma ser dispensada à tarde, se esticar em sua cama e nela mergulhar nas histórias medonhas de Mather, até que a escuridão da noite tornasse a página impressa em uma mera névoa diante de seus olhos.

Então, enquanto caminhava pelo pântano, ou o riacho ou o terrível bosque até a casa da fazenda onde ele estava acomodado, cada som da natureza, naquela hora inquietante, agitava sua excitada imaginação – o gemido na encosta da colina, o coaxar dos sapos entre as árvores, aquele prenúncio de tempestade, o lamento melancólico da coruja, ou o ruído de passarinhos assustados. Os vaga-lumes, também, que brilhavam mais vividamente nos lugares mais escuros, de vez em quando o assustavam, enquanto um brilho incomum fluía em seu caminho; e se, por acaso, um enorme escaravelho viesse voando em sua direção, ele já desistia de encontrar o fantasma, com a ideia de que estivesse sendo atingido por um sinal de bruxaria. Seu único recurso em tais ocasiões, seja para controlar os pensamentos ou afastar espíritos malignos, era cantar os salmos e as boas pessoas de Sleepy Hollow, quando se sentavam à noite em suas portas, ficavam frequentemente assustadas ao ouvir sua melodia inconfundível flutuando da colina distante, ou ao longo da estrada escura.

Outra de suas fontes de prazer era passar as longas noites de inverno com as velhas mulheres holandesas, sentadas ao redor do fogo, com uma fileira de maçãs assando na lareira, e ouvindo seus maravilhosos contos de fantasmas e duendes, e campos assombrados e riachos assombrados e pontes assombradas e casas assombradas, e particularmente do cavaleiro sem cabeça, ou o Hessiano Galopante do Hollow, como às vezes o chamavam. Ele as agradaria igualmente com suas anedotas sobre feitiçaria e com os medonhos presságios e imagens e sons assombrosos no ar, que prevaleciam nos primeiros tempos de Connecticut; e as assustaria com especulações sobre cometas e estrelas cadentes; e com o fato alarmante de que o mundo estava girando e que metade dele estava de cabeça para baixo.

Mas se havia um prazer nisso tudo, enquanto aconchegava-se confortavelmente no canto da chaminé era a sensação de segurança frente ao brilho avermelhado do fogo crepitante de madeira, e onde, é claro, nenhum espectro se atrevia a mostrar seu rosto. O que já não podia garantir em sua posterior caminhada em direção a casa. Que formas e sombras assustadoras cruzariam seu caminho, em meio ao brilho sombrio e horripilante de uma noite de neve! Com que olhar ansioso ele encarava todo raio de luz trêmulo que escorria pelos campos vazios de alguma janela distante! Quantas vezes ele ficara horrorizado com algum arbusto coberto de neve, que, como um espectro coberto de folhas, cercava seu próprio caminho! Quantas vezes ele recuava horrorizado ao ouvir seus próprios passos na crosta gelada sob seus pés; e pavor de olhar por cima do ombro, para que ele não visse de perto algum estranho vagando atrás dele! E com que frequência ele ficava completamente alarmado com sons inquietantes, uivos entre as árvores, com a impressão de que era o Hessiano Galopante em uma de suas incursões noturnas!

Todos estes, no entanto, eram meros terrores da noite, fantasmas da mente que deslizam na escuridão; e embora ele tivesse visto muitos espectros em seu tempo, e sido mais de uma vez assediado por Satanás em diversas formas, em suas solitárias perambulações, a luz do dia colocava fim a todos esses males; e ele

teria tido uma vida agradável, apesar do Diabo e de todas as suas obras, se seu caminho não tivesse sido cruzado por um ser que causa mais perplexidade ao homem mortal do que os fantasmas, gnomos e toda a raça de bruxos juntos, e isso foi: uma mulher.

Entre os alunos de canto que se reuniam, uma noite por semana, para receber suas instruções sobre o canto dos salmos, estava Katrina Van Tassel, filha única de um rico fazendeiro holandês. Ela era uma moça de 18 anos e dona de uma beleza singular. Usava trajes ao mesmo tempo modernos e recatados, que valorizavam seus encantos. Seus cabelos loiros e cacheados caíam sobre os delicados ombros e a pele de seu rosto era corada como a cor de um pêssigo maduro. Ela usava joias feitas de ouro puro, que sua tataravó trouxera de Saardam.

Ichabod Crane possuía um coração suave e tolo em relação ao sexo; e não é de se admirar que uma beleza tão tentadora logo caísse em suas graças, ainda mais depois que ele a visitara na mansão de seu pai. O velho Baltus Van Tassel era o exemplo mais perfeito de um fazendeiro próspero, contente e liberal. Ele raramente, é verdade, pensava além dos limites de sua própria fazenda; mas em sua propriedade vivia de maneira confortável e feliz. Ele estava satisfeito com sua riqueza, mas não era orgulhoso dela.

Sua fazenda situava-se às margens do Hudson, em um daqueles recantos verdes, protegidos, férteis nos quais os fazendeiros holandeses gostam tanto de se aninhar. A casa era ofuscada por um grande olmeiro que estendia seus amplos galhos sobre a propriedade, ao pé do qual corria uma fonte da mais pura água, formando um lago; e através da grama, a água fluía para um riacho vizinho, que serpenteava por entre amieiros e salgueiros anões. Perto da casa principal fora construído um grande celeiro, que poderia servir como uma capela; e parecia explodir com o tesouro que a terra produzia. Ouvia-se continuamente, de manhã à noite, o barulho dos instrumentos agrícolas; os pássaros cantavam sem interrupção; pombos, com os olhos voltados para o céu, como se analisassem o tempo, enquanto outros se escondiam nas penas do

peito, e outros cortejavam suas damas, outros piavam estufando o peito, bem como todos se dedicavam à importante tarefa de banhar-se ao sol. Porcos, bem alimentados, ronronando pacificamente, imóveis, na tranquilidade e abundância de suas pocilgas, de onde vinham, de tempos em tempos, varas de porcos, como se para obter algum ar fresco. Um grande esquadrão de gansos, brancos como a neve, nadava em um lago adjacente, arrastando-se atrás de seus numerosos filhotes. Os perus caminhavam em procissão pela fazenda. Diante da porta do armazém estava o corajoso galo, aquele modelo de maridos, soldados e cavaleiros, batendo suas asas brilhantes e grasnando todo o seu orgulho e a alegria de seu coração. Às vezes ele cavava em volta da terra, chamando generosamente sua família faminta para compartilhar a deliciosa mordida que acabara de descobrir.

A boca do pedagogo salivava enquanto ele contemplava essa suntuosa promessa de um inverno confortável. Em sua mente gulosa, ele imaginava para si cada leitão assado em uma torta e com uma maçã na boca; os pombos eram afetuosamente colocados para dormir em uma confortável torta; os gansos nadavam em sua própria gordura; e os patos alinhados confortavelmente em pratos, como casais, acompanhados com molho de cebola. Ele via os porcos sem sua gordura e os presuntos, os perus apresentados à mesa como de costume, sem perder um colar de salsichas saborosas.

Como que arrebatado, Ichabod imaginava tudo isso, enquanto ele revirava seus grandes olhos verdes sobre as ricas pastagens, os abundantes campos de trigo, centeio, milho, e os pomares cheios de árvores frutíferas, que cercavam a propriedade de Van Tassel. Seu coração ansiava pela donzela que herdaria esses domínios, e sua imaginação se desenvolvia com a ideia de como eles poderiam prontamente transformar a propriedade em dinheiro, e o dinheiro investido em imensas extensões de terra virgem, e palácios de madeira no isolamento. Mais do que isso, a sua imaginação ia longe e idealizava as suas fantasias ao lado Katrina, e de um monte de filhos, em uma carroça carregada com todos os tipos de utensílios domésticos; ele galopava ao lado de uma égua que seguia um potro,

com destino a Kentucky, Tennessee - ou sabe-se lá onde Deus quiser!

Quando ele entrou na casa, seu coração já estava conquistado. Era uma daquelas casas de fazenda espaçosas, construída no estilo herdado dos primeiros colonos holandeses. O teto se estendia além das paredes, formando uma espécie de galeria ao longo da frente da casa e que poderia ser fechado em condições climáticas adversas. Na área estavam pendurados arados, arreios, vários utensílios agrícolas, bem como redes para pescar no rio próximo. Bancos foram construídos ao longo dos lados da área para uso no verão; e uma grande roda de fiar em uma extremidade e uma máquina de manteiga na outra, apresentavam as diversas utilizações as quais aquele importante espaço poderia ser dedicado. Dessa área, Ichabod entrou no vestíbulo que formava o centro da mansão e o local da residência habitual. Uma fileira de porcelanas finas brilhava em um armário de vidro. Em um canto havia um fardo de lã, pronto para fiar; em outro, o linho esperava o mesmo; Guirlandas de maçãs e peras secas misturadas com pimentas pendiam das paredes; uma porta aberta permitia que ele observasse a sala de visitantes, onde as cadeiras e móveis de mogno brilhavam como espelhos; a sala era decorada com laranjas de gesso e várias conchas; ovos de cores diferentes formavam outras guirlandas; No centro da sala havia um grande ovo de avestruz e num canto havia enormes tesouros de prata velha e porcelana rica.

A partir do momento em que Ichabod colocou os olhos sobre essas regiões celestes, a paz de seu espírito chegou ao fim, e o único propósito de seus estudos era ganhar o afeto da inigualável filha de Van Tassel. Nessa empreitada, no entanto, ele tinha mais dificuldades reais do que as que geralmente recaem sobre um cavaleiro errante de outrora, que raramente tinha que lidar com algo além de gigantes, encantadores, dragões de fogo e outros adversários fáceis de se lidar, e eles tinham que simplesmente estar a caminho através de portas de ferro e bronze e paredes de diamante, para a parte interna do castelo, onde a dama de seu coração estava confinada. Tudo o que esses lutadores fizeram era

tão fácil quanto quebrar um bolo de Natal, antes que a dama lhe desse a mão, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ichabod, ao contrário, tinha que abrir caminho até o coração de uma coquete do campo, cercada por um labirinto de caprichos que sempre representavam novas dificuldades e impedimentos; e ele tinha que lidar com uma série de adversários formidáveis e reais de carne e sangue, numerosos admiradores rústicos que zelosamente guardavam todos os portais de seu coração, mantendo um olhar atento e zangado um com o outro, mas prontos para se unirem contra qualquer novo concorrente.

Entre estes, o mais formidável era um rapaz forte, ruidoso e empolgante, de nome de Abraão, ou, de acordo com a abreviatura holandesa, Brom Van Brunt, com contornos de herói do campo, com as suas façanhas de força e resistência. Possuía ombros largos, cabelos negros encaracolados e curtos, um semblante zombeteiro, mas não desagradável, uma mistura de diversão e arrogância. Por seu corpo hercúleo e braços fortes, recebeu o apelido de Brom Bones, nome pelo qual era conhecido. Ele era famoso pelo grande conhecimento e habilidade em equitação, sendo tão habilidoso a cavalo quanto um tártaro. Ele era o principal em todas as corridas e brigas de galo; e, com a ascendência da força física na vida rural, era o juiz indiscutível de todas as disputas, colocando o chapéu de um lado e dando suas decisões com um ar e um tom que não admitiam nenhuma contradição ou apelo.

Ele estava sempre pronto para brigar ou jogar; mas todas as suas ações tinham mais desobediência do que má vontade em sua composição. Apesar de toda a sua grosseria arrogante, havia uma forte pitada de bom humor no fundo. Ele tinha três ou quatro companheiros, seus amigos próximos, que o consideravam como um exemplo, e sob sua liderança circulavam pela região, comparecendo a cada cena de luta ou uma festa por quilômetros de distância. No tempo frio, distinguia-se por uma touca de pele, encimada por uma orgulhosa cauda de raposa; quando as pessoas, reunidas por qualquer motivo, pudessem distinguir à distância, o famoso emblema, circulando entre um pelotão de cavaleiros durões, eles

sempre esperavam por uma tempestade. Às vezes, ele e seus companheiros eram ouvidos correndo pelas fazendas à meia-noite, gritando e cantando, como uma tropa de cossacos; e as velhas damas, arrancadas do sono por aquele barulho, escutavam o ruído desordenado até que se perdia ao longe, e exclamavam então: *"Ah! Lá vai Brom Bones e seus amigos!"* Os vizinhos olhavam para ele com uma mistura de temor, admiração e boa vontade; e, quando qualquer brincadeira louca ou briga ocorria nas vizinhanças, eles sempre balançavam a cabeça, e garantiam que Brom Bones era a causa de tudo.

Esse herói teatral havia, já há algum tempo, notado o florescimento de Katrina, e dirigia seus galanteios, embora estes se assemelhassem às gentis carícias e carinhos de um urso, ainda assim dizia-se que ela não desencorajava suas esperanças. A verdade é que seus avanços foram sinais para os candidatos rivais se retirarem, já que não se sentiam inclinados a se intrometer no amor de um leão; de modo que, quando seu cavalo era visto amarrado no campo de Van Tassel, num domingo à noite, era um sinal claro de que ele estava lá cortejando. Todos os outros pretendentes ficavam desesperados e corriam para a guerra em outros locais.

Este era o formidável rival com quem Ichabod Crane tinha de lidar e, considerando todas as coisas, um homem mais corpulento do que ele teria recuado da competição, um homem mais sábio teria se desesperado. Ele tinha, no entanto, uma feliz mistura de flexibilidade e perseverança em sua natureza; ele estava em forma e possuía um espírito flexível - cedendo, mas duro; embora ele se curvasse, nunca se quebrou; e, embora se curvasse sob a mais leve pressão, no momento em que ela desaparecia, ele se levantava novamente, erguendo a cabeça tão altivo quanto antes.

Teria sido uma loucura invadir abertamente o campo inimigo; porque ele não era um homem que sofrera desilusões de amor, como Aquiles, aquele amante tempestuoso. Ichabod, portanto, fez seus avanços de maneira calma e insinuante. Sob o disfarce de seu personagem de mestre de canto, ele fazia visitas frequentes à casa da fazenda; não tendo nada a temer com a incômoda intervenção

dos pais de Katrina, o que é tão frequentemente um obstáculo no caminho dos amantes. Balt Van Tassel era uma alma indulgente e fácil; ele amava sua filha mais do que seu cachimbo e, como um homem sensato e um excelente pai, ele a deixava fazer o que quisesse. Sua pequena e notável esposa estava ocupada com suas tarefas domésticas e com os cuidados de suas aves domésticas; pois, como sabiamente observou, patos e gansos são coisas tolas, e devem ser cuidados, enquanto que as meninas podem cuidar de si mesmas. Assim, enquanto a dama ocupada se agitava em torno da casa, ou girava a roda de fiar em uma das extremidades da área, Balt ficava fumando seu cachimbo no outro lado, observando as realizações de um pequeno guerreiro de madeira que, armado com uma espada em cada mão, estava valentemente lutando contra o vento no pináculo do celeiro. Nesse meio tempo, Ichabod continuaria com a filha ao lado da nascente, sob o grande olmo, ou passeando no crepúsculo, àquela hora tão favorável à eloquência do amante.

Eu confesso não saber como os corações das mulheres são cortejados e conquistados. Para mim, sempre foram questões de reflexão e admiração. Algumas parecem ter apenas um ponto vulnerável, ou porta de acesso; enquanto outras têm milhares de avenidas e podem ser conquistadas de mil maneiras diferentes. É um grande triunfo de habilidade ganhar a primeira, mas a melhor demonstração da estratégia é manter a posse da última, pois o homem deve lutar por sua fortaleza em todas as portas e janelas. Aquele que ganha mil corações comuns tem, portanto, direito a algum renome; mas aquele que mantém indiscutível domínio sobre o coração de uma coquete é de fato um herói. Certo é que este não era o caso com o temível Brom Bones; e a partir do momento em que Ichabod Crane fez seus avanços, os interesses do primeiro declinou: seu cavalo não era mais visto amarrado nas terras dos Van Tassel nas noites de domingo, e uma briga mortal surgiu entre ele e o pedagogo de Sleepy Hollow.

Brom, que de certa forma era um cavalheiro grosseiro em sua natureza, tinha se resolvido a abrir guerra e resolver suas

pretensões para com a dama, de acordo com o modo daqueles cavaleiros mais concisos e simples, os cavaleiros errantes de outrora, por combate único; mas Ichabod estava convencido demais com a superioridade de seu adversário para aceitar essa proposta. Ele havia escutado uma afirmação de Bones, em que ele *"dobraria o professor e o colocaria em uma prateleira de sua própria escola"*; e ele era muito cauteloso para lhe dar uma oportunidade. Havia algo extremamente provocativo nesse sistema obstinadamente pacífico; Brom não teve outra alternativa que não fosse recorrer a rusticidade de sua natureza e jogar piadas práticas e grosseiras sobre seu rival.

Ichabod tornou-se vítima da perseguição caprichosa de Bones e sua gangue de cavaleiros rudes. Eles invadiram seus domínios até então pacíficos e acabaram com uma reunião de sua classe de canto, bloqueando a chaminé do lado de fora; invadiram a escola à noite, apesar de suas formidáveis fixações de estacas e janelas, e colocaram tudo de cabeça para baixo, de modo que o pobre professor começou a pensar que todas as bruxas do país realizavam suas reuniões ali. Mas o que era ainda mais irritante, Brom aproveitava todas as oportunidades para ridicularizá-lo na presença de sua amada, e tinha um cão, um verdadeiro campeão de patifes de sua raça, que ele ensinara a uivar da maneira mais ridícula e apresentava-o como um rival de Ichabod, capaz de instruir os alunos nas aulas de canto.

Dessa forma, as coisas continuaram por algum tempo, sem produzir qualquer efeito material nas situações relativas ao confronto entre os dois. Em uma bela tarde de outono, Ichabod, bastante pensativo, sentou-se no trono elevado de onde costumava observar todas as preocupações de seu pequeno reino literário. Em sua mão ele balançava uma férula, aquele cetro do poder despótico; o vidoeiro da justiça repousava sobre três pregos atrás do trono, um terror constante para os malfeitores, enquanto que na escrivaninha diante dele podiam ser vistos diversos artigos de contrabando e armas proibidas, recolhidos dos meninos ociosos, como maçãs mordidas, estilingues, piões, gaiolas para moscas, e uma coleção inteira de outras distrações.

Aparentemente, um terrível ato de justiça havia sido administrado há pouco tempo, porque todos os estudantes liam seus livros com extraordinário zelo, ou falavam em voz baixa entre si, sem perder de vista o professor. Uma quietude agitada reinava por toda a sala de aula. Subitamente foi interrompida pelo aparecimento de um homem negro, que usava um chapéu de coroa redonda, como o capacete de Mercúrio, e montado nas costas de um potro esfarrapado, selvagem, que aparentemente não sabia o que era adestramento, e que era conduzido por uma corda de cabresto. Ele veio ruidosamente até a porta da escola com um convite para Ichabod participar de uma festa a ser realizada naquela noite na casa de Mynheer Van Tassel. Depois de ter entregue sua mensagem com aquele ar de importância e esforço para utilizar uma linguagem fina, ele cruzou o riacho e foi visto correndo pelo vale, cheio de importância e urgência de sua missão.

Tudo estava agora alvoroçado e tumultuado na escola. Crane pediu aos alunos que ganhassem tempo em suas aulas, sem se preocupar com coisas infantis; aqueles que eram ágeis pulavam mais da metade da lição com impunidade, e aqueles que estavam atrasados recebiam alguns golpes leves, uma aplicação inteligente de vez em quando para acelerar sua velocidade ou ajudá-los a ler uma palavra longa. Livros foram jogados de lado sem serem guardados nas prateleiras, tinteiros foram virados, bancos derrubados, e toda a escola foi liberada uma hora antes do horário habitual, explodindo como uma legião de jovens diabinhos, uivando e gritando no vale, felizes por sua emancipação inicial.

O valente Ichabod passou pelo menos meia hora extra no banheiro, arrumando e escovando a sua melhor roupa, na verdade, um terno preto desgastado, e arrumando as fechaduras com um pouco de vidro quebrado que pendia de uma das paredes na escola. Para que ele aparecesse diante de sua amada como um verdadeiro cavalheiro, ele pegou emprestado um cavalo do fazendeiro com quem estava domiciliado, um velho holandês colérico de nome de Hans Van Ripper e, assim galantemente montado, partiu como um cavaleiro errante em busca de aventuras. Mas é no encontro que eu

deveria, no verdadeiro espírito da história romântica, dar conta da aparência e dos equipamentos do meu herói e do seu cavalo. O animal que ele montava era um cavalo de arado, meio quebrado, que sobrevivera a quase tudo, menos a sua crueldade. Ele era magro e peludo, com um pescoço de ovelha e uma cabeça como um martelo; sua crina e cauda estavam emaranhadas com todos os tipos de nós; um olho perdera a pupila e era ofuscante e espectral, mas o outro tinha o brilho de um verdadeiro demônio. Ainda assim, ele deve ter tido fogo e coragem em seus velhos dias, se é que podemos julgar pelo nome de Gunpowder (Pólvora). Na verdade, ele havia sido o corcel favorito de seu mestre, o colérico Van Ripper, que era um cavaleiro furioso, e que deve ter infundido, muito provavelmente, parte de seu próprio espírito no animal; pois, por mais velho e quebrado, parecia haver algo mais maligno à espreita nele do que em qualquer outro potro da região.

Ichabod era uma figura adequada para tal montaria. Ele andava com estribos curtos, o que levava os joelhos quase até as alças da sela; seus cotovelos pontudos saíam como gafanhotos, ele carregava o chicote na mão, como um cetro, e enquanto seu cavalo corria, o movimento de seus braços não era diferente do bater de um par de asas. Um pequeno gorro de lã repousava no alto do nariz, pois assim a sua tira de testa podia ser chamada de estreita, e as saias do casaco preto esvoaçavam quase até a cauda do cavalo. Tal era a aparência de Ichabod e seu corcel quando saíam do portão de Hans Van Ripper, uma aparição como aquela não era comum de se encontrar em plena luz do dia.

Foi, como eu disse, um belo dia de outono; o céu estava claro e sereno, e a natureza usava aquela roupa rica e dourada que sempre associamos à ideia de abundância. As florestas tinham uma cor marrom e amarela, enquanto algumas árvores menos resistentes haviam sido danificadas pelas geadas em tonalidades brilhantes de laranja, púrpura e escarlata. Bandos de patos selvagens começaram a aparecer no ar; os esquilos podiam ser ouvidos dos bosques de faia e nogueira, e o apito pensativo das codornas nos campos vizinhos.

Os pequenos pássaros estavam tomando seus banquetes de despedida. Na plenitude de sua folia, eles tremulavam, cantando e brincando de arbusto em arbusto, e de árvore em árvore, caprichosos pela própria profusão e variedade ao redor deles. Havia o honesto Robin, a caça favorita dos jovens desportistas, com sua nota alta e lamentosa; e os melros cantando e voando em nuvens negras; e o pica-pau de asas douradas com a crista carmesim, o amplo e escuro gorjé e sua esplêndida plumagem; e o pássaro de cedro, com suas asas de ponta vermelha e cauda amarela e seu pequeno manto de penas de monteiro; e o gaio azul, aquele pássaro barulhento, com seu alegre casaco azul-claro e roupas de baixo brancas, gritando e tagarelado, balançando a cabeça e curvando-se, fingindo estar em boas relações com todos os cantores do bosque.

Enquanto Ichabod galopava lentamente em seu caminho, seus olhos, sempre abertos a todos os sintomas de abundância culinária, percorriam com prazer os tesouros do outono alegre. Por todos os lados ele via uma grande colheita de maçãs; algumas pendiam opulentas nas árvores; outras reuniam-se em cestos e barris para o mercado; outras amontoadas em pilhas para a prensa de sidra. Mais adiante, avistou grandes campos de milho, com suas orelhas douradas espiando de suas cobertas frondosas e sustentando a promessa de bolos dourados e milho torrado; e as abóboras amarelas que jaziam embaixo delas, levantando suas barrigas redondas para o sol e dando amplas perspectivas à mais luxuosa das tortas; e ele passou pelos campos perfumados de trigo, e respirou o odor da colmeia e, enquanto os contemplava, sentia as antecipações suaves ao almoço, bem abastecido com manteiga e guarnecidos de mel ou melado, pela mão delicada e pequena de Katrina Van Tassel.

Assim, alimentando sua mente com muitos pensamentos doces e "suposições açucaradas", ele continuou sua jornada ao longo dos lados de uma série de colinas que permitiam contemplar algumas das mais belas paisagens do poderoso Hudson. O sol gradualmente girava seu largo disco para o Oeste. O amplo peito do Tappan Zee estava imóvel e vítreo, exceto aqui e ali por uma suave ondulação

que prolongava a sombra azul das montanhas distantes. Algumas nuvens de âmbar flutuavam no céu, sem um sopro de ar para movê-las. O horizonte era de um fino tom dourado, mudando gradualmente para um puro verde-maçã e, a partir daí, para o azul profundo do meio do céu. Um raio oblíquo permanecia no limite arborizado dos precipícios que cobriam algumas partes do rio, dando maior profundidade ao cinza-escuro e ao púrpura de seus lados rochosos. Um pequeno barco estava vagando à distância, carregado devagar pela maré, a vela pendendo inutilmente contra o mastro; e como o reflexo do céu brilhava ao longo da água parada, parecia que o navio estava suspenso no ar.

Foi no final da tarde que Ichabod chegou ao castelo de Heer Van Tassel, que já estava apinhado de orgulho das regiões adjacentes. Antigos fazendeiros, uma raça silenciosa de feições energéticas, usavam casacos e calças caseiras, meias azuis, sapatos enormes e magníficas fivelas de estanho. Suas mulheres usavam gorros bem apertados, vestidos curtos de cintura alta, saiotes caseiros, cujo tecido tinham se enrolado, e bolsas de indiana ao lado. As moças, roliças, quase tão antiquadas quanto suas mães, exceto que algumas usavam um chapéu de palha, uma fita fina, ou um vestido branco, sintomas da influência da cidade. Os filhos, em casacos curtos de esquadro, com fileiras de estupendos botões de latão, e seus cabelos amarrados em um rabo de cavalo na parte de trás do pescoço, de acordo com a moda da época, especialmente se conseguissem uma pele de enguia para o propósito, sendo estimada em todo o campo como um potente nutriente e fortalecedor do cabelo.

Brom Bones, no entanto, era o herói da cena, tendo chegado à festa em seu corcel favorito, o Daredevil, uma criatura como ele, cheia de coragem e malícia, e que ninguém, a não ser ele mesmo, conseguia montar. Ele era, de fato, conhecido por preferir animais ferozes, dados a todos os tipos de truques que mantinham o cavaleiro em risco constante de quebrar os ossos, porque ele era da opinião de que um cavalo dócil e bem domesticado era indigno de um homem verdadeiro.

Eu fazia uma pausa para me debruçar sobre o mundo de encantos que explodiram no olhar arrebatado do meu herói, quando ele entrou na sala de visitas da mansão de Van Tassel. Não aqueles do bando de moças rechonchudas, com sua luxuosa exibição em vermelho e branco; mas os amplos encantos de uma genuína mesa de chá campestre holandesa, nos ricos tempos do outono. Essas bandejas de bolos variados e quase indescritíveis, conhecidos apenas por donas de casa holandesas experientes! Havia a rosquinha fofa, empadas, bolos doces, bolos de gengibre e bolos de mel, e toda a família de bolos. E depois havia tortas de maçã, tortas de pêsego e tortas de abóbora; além de fatias de presunto e carne defumada; e, além disso, pratos deliciosos de ameixas, pêsegos, peras e marmelos bem conservados; para não mencionar as galinhas grelhadas e assadas; junto com tigelas de leite e creme, tudo misturava-se com a comida, como eu as enumerei, com o bule maternal expelindo suas nuvens de vapor. Eu precisava respirar e dar um tempo para discutir este banquete como ele merece, e estou muito ansioso para continuar com a minha história. Felizmente, Ichabod Crane não estava tão apressado quanto seu historiador, mas fazia justiça a todos os pratos.

Ele era uma criatura gentil e grata, cujo coração se dilatava na medida em que sua pele se enchia de bom humor e cujo espírito se elevava ao comer, como alguns homens fazem com a bebida. Ele também não pôde evitar, revirando os olhos grandes enquanto comia, e rindo com a possibilidade de um dia ser o senhor de toda aquela cena de luxo e esplendor quase inimagináveis. Então, ele pensou, em quanto tempo ele poderia dizer adeus à velha escola; estalando os dedos na cara de Hans Van Ripper e de todos os outros patrões mesquinhos, bem como dar um chute em qualquer pedagogo andante que se atrevesse a chamá-lo de colega!

O velho Baltus Van Tassel circulava entre seus convidados com um rosto dilatado de satisfação e bom humor, redondo e alegre como a lua cheia. Suas atenções hospitaleiras eram breves, mas expressivas, sendo confinadas a um aperto de mão, um tapa no

ombro, um riso alto e um convite urgente para vir para a mesa e servir-se.

E agora o som da música na sala principal, ou salão, convidava para a dança. O músico era um velho negro de cabelos grisalhos, que era a orquestra itinerante do bairro há mais de meio século. Seu instrumento era tão velho e maltratado quanto ele mesmo. A maior parte do tempo ele arranhava duas ou três cordas, acompanhando cada movimento do arco com um movimento da cabeça; curvando-se quase até o chão e batendo com o pé sempre que um casal novo começava.

Ichabod se orgulhava de dançar tanto quanto de seus poderes vocais. Nem um osso, nem um músculo de seu corpo estavam ociosos quando dançavam; e, tendo visto a sua estrutura frouxa em pleno movimento, e batendo o pé na sala, se teria pensado que o próprio São Vito, aquele abençoado patrono da dança, estava à sua frente pessoalmente. Era a admiração de todos os negros; que, reunidos, de todas as idades e tamanhos, da fazenda e das proximidades, formavam uma pirâmide de rostos negros brilhantes em todas as portas e janelas, contemplando com prazer a cena, revirando os globos oculares brancos e mostrando fileiras sorridentes de marfim de orelha a orelha. Qual seria o estado de espírito daquele inquisidor de crianças, mas animado e alegre? A dama de seu coração era sua parceira na dança e sorrindo graciosamente em resposta a todos os seus desejos amorosos; enquanto Brom Bones, possuidor de amor e ciúmes, sentou-se sozinho em um canto.

Quando a dança chegou ao fim, Ichabod sentiu-se atraído por um grupo de pessoas mais sensatas que, junto com Van Tassel, fumavam em uma das extremidades da varanda, conversando sobre os tempos antigos e contando longas histórias sobre a guerra.

Essa região, na época da qual estou falando, era um daqueles lugares altamente favorecidos que abundam em crônicas e grandes homens. As linhas britânicas e americanas passavam muito perto dela durante a guerra; foi, portanto, palco de saques e sofreram com uma epidemia de refugiados, cowboys e todos os tipos de cavaleiros da fronteira. Apenas tempo suficiente havia decorrido para

permitir que cada contador de histórias vestisse sua história com um pouco de ficção, e, na indistinção de sua lembrança, se tornasse o herói de todas as explorações.

Havia a história de Doffue Martling, um grande holandês de barba negra, que quase afundou uma fragata britânica com um velho ferro de nove quilos, colocado no peitoral baixo, só que seu canhão explodiu no sexto tiro. E havia um velho cavaleiro sem nome que, na batalha de White Plains, sendo um excelente mestre de esgrima, defendeu uma bala de mosquete com uma pequena espada, de modo que ele sentiu a bala assoviar perto da lâmina e, quando olhou para o punho da espada, o cabo estava um pouco torto. Havia vários outros que tinham sido igualmente distintos no campo de batalha, nenhum dos quais, deixavam de acreditar em grande parte que devido a eles que a guerra tinha encontrado um desfecho feliz.

Mas tudo isso não era nada comparado às histórias de espíritos e aparições que foram contadas depois. A região é muito rica em tesouros lendários deste tipo. Histórias e superstições locais florescem melhor nesses lugares isolados, longe do barulho do mundo, onde vivem populações estabelecidas há muito tempo. Mas esse mesmo folclore desaparece sob as pegadas da população de nossas localidades rurais. Além disso, em nossas cidades não é incentivado de forma alguma a atividade dos espíritos, pois eles mal tiveram tempo de terminar sua primeira soneca e se entregarem aos seus túmulos, antes que seus amigos sobreviventes tenham viajado para longe da região, de modo que quando eles saem à noite para andar em suas rondas, eles não têm amigos para visitar. Talvez essa seja a razão pela qual raramente ouvimos falar de fantasmas, exceto em nossas colônias holandesas há muito estabelecidas.

A causa imediata, no entanto, da predominância de histórias sobrenaturais nessas regiões, foi, sem dúvida, devido à vizinhança de Sleepy Hollow. Havia um contágio no ar que soprava daquela região assombrada; porque inspirava uma atmosfera de sonhos e fantasias que infectavam todo o campo. Várias pessoas de Sleepy Hollow estavam presentes na festa de Van Tassel e, como sempre,

começavam a contar suas lendas selvagens e maravilhosas. Muitos contos desalentados foram contados sobre cortejos fúnebres de carpideiras gritando e chorando, sendo ouvidos e vistos ao redor da grande árvore onde o infeliz major André fora levado, e que ficava na vizinhança. Alguém mencionou também da mulher de branco, que assombrava o vale escuro de Raven Rock, e ouvia-se muitas vezes seus lamentos nas noites de inverno antes de uma tempestade, tendo morrido ali na neve. A parte principal das histórias, no entanto, girava em torno do fantasma favorito de Sleepy Hollow, o Cavaleiro Sem Cabeça, que tinha sido ouvido várias vezes ultimamente, patrulhando a região; e foi dito que amarrava seu cavalo todas as noites entre as sepulturas perto da igreja.

A situação isolada dessa igreja parecia transformá-la no refúgio favorito dos espíritos perturbados. Fora construída numa colina, cercada por árvores, suas paredes brancas pintadas brilhavam modestamente, como um símbolo de pureza cristã radiante através dos tons da reforma. A colina desce suavemente até um lençol de água prateado, cercado por árvores altas, entre as quais as montanhas que margeiam o Hudson podem ser vistas ao longe. Quando se observa o cemitério adjacente, coberto por grama e onde os raios de sol parecem dormir tão silenciosamente, alguém poderia pensar que pelo menos os mortos poderiam descansar em paz. De um lado da igreja estende-se um amplo vale arborizado, ao longo do qual se abre um grande riacho entre rochas quebradas e troncos de árvores caídos. Em uma parte profunda e negra do riacho, não longe da igreja, antigamente fora construída uma ponte de madeira; tanto a estrada que levava a ela, e a ponte em si, estavam densamente sombreadas por árvores altas, que lançavam uma sombra sobre ela, mesmo durante o dia; e que produzia uma escuridão terrível à noite. Esse era um dos locais favoritos do Cavaleiro Sem Cabeça e o lugar onde ele era mais frequentemente encontrado. A história foi contada pelo velho Brouwer, um incrédulo de fantasmas, de como ele encontrou o Cavaleiro retornando de uma incursão em Sleepy Hollow e de que foi obrigado a segui-lo; de como galoparam através de florestas e prados, montanhas e pântanos, até chegarem à

ponte; quando o Cavaleiro de repente se transformou em um esqueleto, jogou o velho Brouwer no riacho e desapareceu sobre as copas das árvores com o som do trovão.

Esta história foi imediatamente acompanhada por uma maravilhosa aventura de Brom Bones, que fazia a luz do Hessiano galopante como um jóquei arrogante. Afirmou que ao retornar uma noite da aldeia vizinha de Sing Sing, ele havia sido surpreendido por esse soldado da meia-noite; que se ofereceu para fazer uma corrida com ele por um copo de ponche, e que teria vencido, porque o Daredevil havia derrotado o cavalo do cavaleiro, mas assim que eles chegaram à ponte da igreja, o soldado de Hesse disparou e desapareceu em um mar de fogo.

Todas essas histórias, contadas naquele tom sonolento com que os homens falam no escuro, o semblante dos ouvintes surgindo apenas de vez em quando com o clarão casual de um cachimbo, deixaram uma impressão profunda na mente de Ichabod. Ele os pagou na mesma moeda com extensos trechos de seu autor favorito, Cotton Mather, e acrescentou muitos eventos maravilhosos que ocorreram em seu Estado natal, Connecticut, e visões terríveis que ele havia visto em suas caminhadas noturnas por Sleepy Hollow.

As pessoas estavam começando a partir. Os antigos fazendeiros reuniram suas famílias em suas carroças e eram ouvidos por algum tempo, andando pelas estradas vazias e pelas colinas distantes. Algumas das donzelas montavam sobre coxins atrás de seus foliões favoritos, e suas risadas alegres, misturando-se com o barulho de cascos, ecoavam pelas florestas silenciosas, soando cada vez mais fracas, até que gradualmente desapareciam. Finalmente, aquela cena tardia de barulho e brincadeiras também estava silenciosa e deserta. Apenas Ichabod ficou para trás, de acordo com o costume do campo de ter uma conversa particular com a herdeira; totalmente convencido de que ele estava agora no caminho para o sucesso. O que passou nesta conversa eu não vou fingir dizer, pois na verdade eu não o sei. No entanto, temo que algo deva ter dado errado, porque ele partiu depois de um intervalo não muito grande, com um ar bastante desolado e confuso. Oh, essas mulheres! Essas

mulheres! Poderia aquela garota estar brincando com ele? Foram as insinuações feitas ao pobre pedagogo simplesmente uma mera farsa para garantir a conquista de seu rival? Só Deus sabe, não eu! Basta dizer que Ichabod deixou a casa sem que ninguém percebesse, e sem conquistar o coração de uma bela dama. Sem olhar para a direita ou para a esquerda, ou olhar para a riqueza rural, na qual ele tantas vezes se regozijara, foi direto para o estábulo e, com várias socos e chutes vigorosos, despertou seu corcel de maneira muito descortês dos aposentos confortáveis em que estava dormindo profundamente, sonhando com montanhas de milho e aveia, e vales inteiros de trevo.

Nessa hora mal-assombrada da noite, Crane, desanimado e de coração partido, partiu para a sua casa, ao longo das colinas acima de Tarry Town, que ele passara tão entusiasticamente naquela tarde. Longe dele, lá embaixo, o Tappaan Zee estendia suas águas escuras e indistintas, onde aqui e ali aparecia uma embarcação de mastro alto, ancorada ao longo da costa. No silêncio da noite, Ichabod podia até ouvir o latido do cão de guarda na margem oposta do Hudson; mas era tão vago e fraco que dava apenas uma ideia da distância deste fiel companheiro do homem. De vez em quando, também, o canto de um galo, acidentalmente acordado, soava distante, muito distante, de alguma casa de fazenda nas colinas - mas era como um som vago em um sonho. Nenhum sinal de vida surgiu perto dele, mas ocasionalmente o chilrear melancólico de um grilo, ou talvez o coaxar de um sapo-boi em um pântano próximo, como se ele estivesse dormindo desconfortavelmente e se virando de repente em sua cama.

Todas as histórias de fantasmas e duendes que ele ouvira à tarde agora vinham se acumulando em sua memória. A noite ficou mais e mais escura; as estrelas pareciam afundar-se mais no céu, e as nuvens às vezes as escondiam de sua vista. Ele nunca se sentira tão sozinho e triste. Além disso, estava se aproximando do mesmo lugar onde muitas das cenas das histórias de fantasmas haviam ocorrido. No centro da estrada havia uma enorme árvore que se destacava como um gigante acima de todas as outras árvores da

região e formava uma espécie de ponto de referência. Seus ramos eram retorcidos e fantásticos, grandes o suficiente para formar os troncos de árvores comuns, inclinando-se quase até a terra para se elevarem novamente no ar. Relacionava-se com a trágica história do desafortunado André, que havia sido preso muito perto dela; e era geralmente conhecida pelo nome de árvore do Major André. As pessoas comuns a consideravam com uma mistura de respeito e superstição, em parte por simpatia pelo destino de seu homônimo mal-encarado, e em parte, pelas histórias de estranhas visões e lamentações horríveis que lhe eram contadas.

Quando Ichabod se aproximou dessa árvore assustadora, ele começou a assobiar; pareceu-lhe que alguém respondeu; mas era apenas o vento que soprava bruscamente através dos galhos secos. Ao aproximar-se um pouco mais, pensou ter visto algo branco, pendurado no meio da árvore: fez uma pausa e parou de assobiar, mas, ao olhar mais de perto, percebeu que era um lugar onde a árvore fora atingida por um raio; expondo a madeira branca desnudada. De repente, ele ouviu um gemido – seus dentes batiam, e seus joelhos colidiram contra a sela: era apenas o roçar de um galho enorme contra o outro, enquanto eles eram balançados pelo vento. Ele passou pela árvore em segurança, mas novos perigos estavam à sua frente.

A cerca de duzentos metros da árvore, um pequeno riacho cruzou a estrada, levando a um vale pantanoso e densamente arborizado, conhecido pelo nome de Wiley's Swamp. Alguns troncos ásperos, colocados lado a lado, serviam como ponte sobre esse riacho. Naquele lado da estrada, onde o riacho entrava na floresta, um grupo de carvalhos e castanheiras, cobertos por grossas videiras selvagens, lançava uma escuridão cavernosa sobre ele. Passar esta ponte foi o teste mais severo. Foi nesse mesmo local que o desafortunado André foi capturado, e sob a cobertura dessas castanheiras e trepadeiras, os que o surpreenderam estavam escondidos. Desde então o local era considerado como um riacho assombrado. Eram terríveis os sentimentos do aluno que tivesse que passar sozinho após o anoitecer.

Quando ele se aproximou do riacho, seu coração começou a bater violentamente; ele convocou, no entanto, toda a sua coragem, deu uma meia dúzia de pontapés nas costelas do cavalo e tentou atravessar rapidamente a ponte; mas, em vez de avançar, o animal perverso fez um movimento lateral e se jogou contra a cerca. Ichabod, cujos medos aumentavam com a perda de tempo, puxou as rédeas e chutou vigorosamente com o pé do outro lado: mas tudo foi em vão. Seu cavalo começou, é verdade, mas foi apenas para mergulhar no lado oposto da estrada em um emaranhado de arbustos. O professor usava agora tanto o chicote como o calcanhar nas costelas do velho Gunpowder, que avançava, fungando e bufando, mas parou ao lado da ponte, tão de repente que quase fez com que seu cavaleiro voasse por cima da sua cabeça. Nesse exato momento, um barulho ao lado da ponte chegou até o ouvido sensível de Ichabod. Entre as sombras escuras do bosque, na margem do riacho, ele viu algo enorme, disforme e imponente. Ele não se mexeu, mas parecia estar escondido na escuridão, como um monstro gigantesco pronto para saltar sobre o viajante.

O cabelo do pobre pedagogo estava em pé. O que poderia ser feito? Era tarde demais para voltar e correr e, além disso, como escapar de um cavalo fantasma que corria nas asas do vento? Convocando toda a sua coragem, ele perguntou com uma voz trêmula: "*Quem é você?*" Ninguém lhe respondeu. Ele repetiu sua pergunta com uma voz ainda mais perturbada. Ainda não houve resposta. Mais uma vez ele bateu nas laterais do inflexível Gunpowder e, fechando os olhos, irrompeu com fervor involuntário numa melodia de salmo. Nesse momento, o sombrio objeto de alarme se pôs em movimento e, com um salto, parou no meio da estrada. Embora a noite estivesse escura e sombria, ainda assim a forma do desconhecido poderia agora ser avaliada em certo grau. Ele parecia ser um cavaleiro de grandes dimensões e montado em um cavalo negro de poderosa estrutura. Ele não fez nenhuma demonstração de perigo ou sociabilidade, mas manteve-se distante de um lado da estrada, até que se moveu lentamente para o lado de Gunpowder, que agora havia superado seu medo e desobediência.

Ichabod, que não tinha muita confiança naquele estranho companheiro da meia-noite, e pensou na aventura de Brom Bones com o Hessiano Galopante, agora acelerava seu corcel na esperança de deixá-lo para trás. O estranho, no entanto, acelerou o cavalo a um passo igual. Ichabod parou, e começou a andar, pensando em ficar para trás – o outro fez o mesmo. Seu coração começou a afundar dentro dele; ele se esforçou para retomar sua música de salmo, mas sua língua seca cravou-se no céu da boca e ele não pôde pronunciar nenhuma palavra. Havia algo no silêncio opressivo e obstinado daquele companheiro impertinente que era misterioso e aterrador. Logo foi terrivelmente explicado. Quando a estrada começou a subir, a figura de seu companheiro se destacou contra o céu mais claro: ele era um gigante. Ichabod estava apavorado ao ver que não tinha cabeça, mas seu horror atingiu o pico quando ele percebeu que sua cabeça, que deveria estar descansada em seus ombros, era levada diante dele na beirada de sua sela! Seu terror subiu ao desespero. Um dilúvio de chutes e golpes em Gunpowder, na esperança de deixar seu companheiro para trás. Mas o espectro avançava na mesma velocidade. Pedras voavam e faíscas piscavam no chão. As frágeis vestes de Ichabod esvoaçavam no ar, enquanto ele esticava o corpo comprido e esguio sobre a cabeça do cavalo, e tentava fugir a pleno galope.

Eles haviam chegado agora à estrada que desviava para Sleepy Hollow; mas Gunpowder, que parecia possuído por um demônio, em vez de continuar ali, deu a volta oposta e mergulhou de cabeça para a esquerda. Esta estrada levava através de uma região arenosa e sombreada por árvores por cerca de quase meio quilômetro, onde cruzava a famosa ponte da história da aparição. Além dela, erguia-se a pequena colina, na qual se encontrava a igreja de paredes brancas.

O pânico do corcel dera uma vantagem aparente a Crane, que não era um cavaleiro muito habilidoso. Quando ele atravessou metade do vale, as amarrações da sela cederam, e ele a sentiu deslizando sob seu corpo. Agarrou-a com uma mão e esforçou-se para manter-se firme, mas em vão; ele teve tempo de salvar a si

mesmo agarrando Gunpowder pelo pescoço, quando a sela caiu na terra, e ele a ouviu sendo pisoteada pelo perseguidor. Por um momento, o terror da ira de Hans Van Ripper passou por sua mente – pois era a sua sela de domingo; mas isso não era hora para medos mesquinhos; o espectro se aproximava; e (como era um cavaleiro inábil) ele teve muita dificuldade para manter seu assento; às vezes escorregando de um lado, às vezes do outro, e às vezes sacudindo sobre seu cavalo, com tal violência que ele, na verdade, temia ser rasgado em pedaços.

Devido à relativa escassez de árvores, ele percebeu que estava perto da ponte da igreja. O reflexo vacilante de uma estrela de prata no seio do riacho disse-lhe que não estava enganado. Ele viu as paredes da igreja vagamente brilhando sob as árvores além. Ele recordou o lugar onde o concorrente fantasma de Brom Bones havia desaparecido. *"Se eu conseguir chegar a essa ponte"*, pensou Ichabod, *"estarei seguro"*. Nesse momento, ele ouviu o corcel negro ofegando e soprando bem atrás dele; e até imaginou que sentia sua respiração quente. Outro chute convulsivo nas costelas e o velho Gunpowder saltou em direção à ponte; cujas tábuas ressoavam sob seus passos; ele alcançou o lado oposto; e agora Ichabod olhava para trás para ver se seu perseguidor iria desaparecer, segundo a regra, num clarão de fogo e enxofre. Só então ele viu o espectro subindo em seus estribos e se preparando para lançar sua cabeça. Ichabod tentou evitar o horrível míssil, mas já era tarde demais. Ela encontrou seu crânio com um tremendo estrépito – Ichabod caiu de cabeça no chão, e Gunpowder, o corcel negro, e o cavaleiro fantasma passaram por ele como um redemoinho.

Na manhã seguinte, o velho cavalo foi encontrado sem a sela, e com o freio entre as patas, sobriamente mordendo a grama nas terras de seu mestre. Ichabod não apareceu no café da manhã; chegou a hora do jantar, mas nada dele. As crianças se reuniram na escola e passearam vagorosamente pelas margens do riacho; mas o professor não aparecia. Hans Van Ripper começou a sentir alguma preocupação com o destino do pobre Ichabod e sua sela. Uma investigação foi iniciada e logo revelou alguns fatos. Em uma parte

da estrada que leva à igreja, foi encontrada no chão a sela pisoteada; os rastros dos cascos dos cavalos profundamente marcados na estrada, evidentemente, mostravam que eles tinham corrido a uma velocidade fantástica. Eles chegaram à ponte, além da qual, na margem de uma parte larga do riacho, onde a água corria profunda e negra, foi encontrado o chapéu do desafortunado Ichabod, e junto a ele, uma abóbora despedaçada.

O riacho foi rastreado, mas o corpo do professor não foi descoberto. Hans Van Ripper, como dono da propriedade, examinou o pacote que fora encontrado. Ele consistia em duas camisas e meia; dois lenços para o pescoço; um ou dois pares de meias de lã; um velho par de roupas de veludo; uma navalha enferrujada; um livro de salmos cheio de orelhas; e um apito quebrado. Como os livros e a mobília da escola pertenciam à comunidade, exceto a "História da Bruxaria" de Cotton Mather, um "Almanaque da Nova Inglaterra" e um livro de sonhos e adivinhações; cuja última folha continha uma tentativa infeliz de escrever um poema em homenagem a herdeira de Van Tassel muito rabiscada e borrada. Hans Van Ripper jogou esses livros nas chamas junto com a tentativa poética; e, a partir de então, resolveu não mandar mais os filhos para a escola, observando que nunca soube nada de bom sobre essa mesma leitura e escrita. Qualquer que fosse o dinheiro que o professor possuísse, ou que ele tivesse recebido do salário de seu bairro, um dia ou dois antes, ele deveria estar com ele no momento de seu desaparecimento.

Na igreja, esse estranho fato foi muito comentado. O assunto foi discutido e todos os tipos de hipóteses foram expostos no cemitério, na ponte e no lugar onde seu chapéu e a abóbora haviam sido encontrados. As histórias de Brouwer, Bones e muitos outros foram lembradas. Depois de considerar cuidadosamente e compará-las com as circunstâncias deste caso, eles chegaram à conclusão de que Ichabod havia sido levado pelo Cavaleiro sem Cabeça. Como ele era solteiro e não tinha dívidas, ninguém se importou mais com ele. A escola mudou-se para outra parte do vale e outro pedagogo reinou em seu lugar.

É verdade que um velho fazendeiro, que estivera em Nova York em uma visita vários anos depois, e de quem esse relato da aventura fantasmagórica foi recebido, trouxe para casa a informação de que Ichabod Crane ainda estava vivo; que ele havia deixado o vale em parte por medo do espectro e de Hans Van Ripper, e em parte mortificado por ter sido repentinamente dispensado pela herdeira. Acrescentou que ele havia se mudado para uma parte distante do país; que continuou a ensinar e iniciou o curso de jurisprudência, combinando ambos; tinha recebido seu diploma de Direito; virou político; escreveu para os jornais; e foi finalmente admitido na magistratura com um grau subordinado. Brom Bones, logo após o desaparecimento de seu rival, conduziu a florescente Katrina em triunfo ao altar, e foi observado por parecer extremamente conhecedor da história relacionada a Ichabod, e sempre explodia em uma gargalhada sincera com a menção da abóbora; o que levou alguns a suspeitar que ele sabia mais sobre o assunto do que preferia contar.

As velhas esposas da região, no entanto, que são as melhores juízas dessas questões, dizem até hoje que Ichabod foi levado embora por meios sobrenaturais; e é uma das histórias favoritas, muitas vezes contada na vizinhança ao redor do fogo nas noites de inverno. A ponte tornou-se mais do que nunca um objeto de admiração supersticiosa; e essa pode ser a razão pela qual a estrada foi alterada nos últimos anos, de modo a se aproximar da igreja pela fronteira do rio. A escola foi abandonada, e logo se tornou uma ruína. Foi relatado que era assombrada pelo fantasma do infeliz pedagogo. E mais de um rapaz do campo, demorando-se para ir para casa em uma noite de verão, já imaginou ter ouvido sua voz à distância, cantando a melodia de um salmo entre a solidão tranquila de Sleepy Hollow.

POSFÁCIO

ENCONTRADO NOS MANUSCRITOS DO SR. KNICKERBOCKER

Eu reproduzi a história acima quase exatamente como me foi dita em uma reunião do município da nobre cidade de Manhattan, na qual estavam presentes muitos de seus mais prudentes e ilustres burgueses. O narrador era um sujeito simpático, de terno surrado e de aparência nobre, com um rosto tristemente colorido e eu suspeitava fortemente que ele era pobre – ele fazia esse esforço para ser divertido. Quando sua história foi concluída, houve muitos risos e aprovação, particularmente de dois ou três vereadores, que estavam dormindo a maior parte do tempo. Havia, no entanto, um cavalheiro alto, de idade, com sobrançelas grossas, que mantinha um rosto grave e bastante severo, de vez em quando dobrando os braços, inclinando a cabeça e olhando para o chão, como se refletindo sobre uma dúvida. Ele era um daqueles homens cautelosos, que nunca riem, mas com base em bons motivos – quando eles têm razão e a lei está ao seu lado. Quando o riso do resto dos homens diminuiu, e o silêncio foi restaurado, ele apoiou um dos braços no encosto da cadeira e apertou o outro, exigindo, com um movimento leve, mas excessivamente sábio da cabeça, contraindo as sobrançelas, qual era a moral da história e o que ela provaria?

O contador de histórias, que estava prestes a colocar uma taça de vinho nos lábios, como um refresco depois de seus esforços, parou por um momento, olhou para seu investigador com um ar de infinita consideração e, baixando o copo lentamente até a mesa, explicou que a história pretendia demonstrar da maneira mais lógica o seguinte:

— Que não há situação na vida que não tenha suas vantagens e alegrias – desde que estejamos dispostos a suportar uma brincadeira.

— Consequentemente, aquele que se atreve a apostar uma corrida com um fantasma, é provável que saia muito prejudicado

dessa empreitada.

— Portanto, é uma grande sorte para um professor ser recusado pela herdeira de um fazendeiro holandês, assim abrem-se portas para atividades mais grandiosas.

O cauteloso cavalheiro ergueu as sobrancelhas umas dez vezes depois dessa explicação, ficando muito intrigado com o silogismo do raciocínio. Ele pareceu notar que o narrador da história estava a observá-lo com uma espécie de olhar triunfante. Por fim, ele observou que tudo estava muito bem, mas ainda achava a história um pouco extravagante e que havia um ou dois pontos sobre os quais ele tinha suas dúvidas.

— Palavra de honra — respondeu o homem que havia contado a história. — Que quanto a esse assunto, eu mesmo não acredito nem na metade do que contei.

D. K.

FIM.

Sobre o tradutor / autor

Alex Zuchi nasceu em Sapucaia do Sul, no estado do Rio Grande do Sul em 1977. É formado em Inglês e Engenharia de Produção pela UNISINOS e Pós-Graduado em Gestão de Projetos pela UNINTER, além de ser o vocalista e letrista da banda de Death Metal IN TORMENT. Atualmente reside em São Leopoldo/RS.

Traduções:

(<https://amzn.to/2Pwg6mM>)

Livros do autor:

- A TRANSCENDÊNCIA DA CARNE.

(<https://amzn.to/2L9hEgs>)

- INFERIS

(<https://amzn.to/2MGkONw>)

Contato:

[Mailto:alexzuchi@hotmail.com](mailto:alexzuchi@hotmail.com)

Site oficial:

<https://alexzuchi.wixsite.com/site>

Gostou do livro / tradução? Deixe sua avaliação na Amazon!

